

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou lugares ou pessoas, vivas ou mortas, é meramente coincidência.

Copyright © Clare Mackintosh, 2016
Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha, em 2016, por Sphere, uma chancela de Little, Brown Book Group.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *I See You*
Título: *Estou a Ver-te*
Autora: Clare Mackintosh
Tradução: Fátima Martins
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Design de capa original: Hannah Wood – LBBG
Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador Editora
Imagens de capa: mulher ©Mark Owen/Arcangel Images; fundo: © Irene Lamprakou/Arcangel Images
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-315-9
Depósito legal: 426904/17

1.ª edição: junho de 2017

*Tu fazes as mesmas coisas todos os dias.
Sabes exatamente para onde vais.
Tu não estás só.*

O homem atrás de mim está suficientemente perto para humedecer a pele do meu pescoço com o hálito. Avanço alguns centímetros e encosto-me a um sobretudo cinzento que cheira a cão molhado. Parece que não parou de chover desde o início de novembro, e uma ligeira névoa ergue-se dos corpos quentes que se esmagam uns contra os outros. Uma pasta esmurra-me a perna. Sempre que o comboio faz uma curva, mantenho-me direita, amparada pelas pessoas que me rodeiam, e uma mão involuntária pressiona o sobretudo cinzento à procura de apoio momentâneo. Junto da Tower Hill, a carruagem cospe uma dúzia de passageiros e engole mais duas dúzias, todos ávidos de chegar a casa para o fim de semana.

– Espalhem-se pela carruagem! – ouve-se anunciar.

Ninguém se mexe.

O sobretudo cinzento desapareceu e eu arrasto-me para o seu lugar vazio, bem preferível, pois agora consigo segurar-me e também porque deixei de ter ADN estranho no meu pescoço. A mala balança-me nas costas e puxo-a para a frente. Dois turistas japoneses transportam gigantescas mochilas sobre o peito, ocupando o espaço de duas pessoas. Uma mulher do outro lado da carruagem vê-me a observá-los; fita-me e atira-me um esgar em tom solidário. Aceito fugazmente esse contacto visual, depois olho para os meus pés. Os sapatos à minha volta variam: os dos homens são grandes e brilhantes, por baixo de bainhas de riscas; os das mulheres, coloridos e de saltos altos, os dedos vão entalados dentro de pontas impossíveis. Por entre as pernas, observo um par de meias brilhantes; um *nylon* preto e opaco a terminar em ténis brancos reluzentes. A dona estava escondida, mas imagino alguém na casa dos vinte anos, com um par de

sapatos de executiva, de saltos vertiginosos, ocultos nalgum grande saco, ou numa gaveta no local de trabalho.

Nunca andei de saltos durante o dia. Ainda mal largara os meus *Clark's* de atacadores quando fiquei grávida do Justin, e, tanto numa caixa de supermercado, como a subir a rua com um bebé, não havia mais lugar para saltos. Neste momento, já tenho idade suficiente para saber isso. Uma hora de comboio para o trabalho: outra hora para voltar a casa. A passar por escadas rolantes avariadas. A correr pelo meio de carrinhos de bebés e bicicletas. E para quê? Para ficar oito horas atrás de uma secretária. Antes poupar os saltos para melhores dias ou para as férias. Uso uma farda que impus a mim mesma, constituída por calças pretas e uma série de blusas que não precisem de ser passadas a ferro, mas suficientemente bonitas para parecerem roupa de executiva, e um casaco de malha guardado na gaveta do fundo para os dias de maior afluência, em que a porta está sempre aberta e o calor desaparece entre cada potencial cliente.

A carruagem para e começo a abrir caminho aos empurrões até à plataforma. A partir daqui, apanho o metro de superfície e, apesar de estar sempre muito cheio, prefiro-o. Estar debaixo do chão faz-me sentir desconfortável; incapaz de respirar, mesmo sabendo que tudo se passa apenas dentro da minha cabeça. Sonho com a possibilidade de trabalhar num lugar perto para poder ir a pé, mas tal nunca irá acontecer: os únicos trabalhos que valem a pena encontram-se na zona um; as únicas hipotecas suportáveis localizam-se na zona quatro.

Tenho de esperar pelo comboio e do escaparate junto à máquina dos bilhetes tiro um exemplar do *London Gazette*, tem os cabeçalhos adequadamente sinistros de acordo com a data de hoje: sexta-feira 13 de novembro. A polícia evitou mais um atentado terrorista: as três primeiras páginas abarrotam de imagens de explosivos apreendidos num apartamento no norte de Londres. Folheio por entre fotografias de homens barbudos e caminho até encontrar a racha no asfalto por baixo do sinal da plataforma do cais, onde a porta se vai abrir. O meu criterioso posicionamento indica que ali consigo esgueirar-me até ao meu lugar favorito antes de a carruagem se encher; no fim do corredor, onde posso encostar-me à divisória de vidro. O resto da carruagem enche-se num ápice e olho de relance para as pessoas de pé, culpadamente aliviada por ver que não há nenhum idoso ou alguma grávida. Apesar dos sapatos rasos, doem-me os pés, por ficar em pé junto dos arquivadores. Supostamente, não sou eu quem deve

tratar do arquivo. Foi admitida uma rapariga para fotocopiar os registos das propriedades e manter os arquivos em ordem, mas está em Maiorca há quinze dias e, pelo que vi hoje, há já algumas semanas que não deve arquivar nada. Encontrei propriedades do tipo residencial misturadas com as do comercial, arrendamentos confundidos com vendas, e cometi o erro de o mencionar.

– Então, é melhor que organizes tudo, Zoe – disse o Graham. Por isso, em vez de ficar a marcar as visitas, permaneci na corrente de ar do corredor à porta do gabinete do Graham, desejando não ter aberto a boca. A Hallow & Reed não é um mau sítio para se trabalhar. Costumava ir tratar da contabilidade uma vez por semana, depois a secretária saiu de licença de maternidade e o Graham pediu-me que preenchesse o lugar. Eu era contabilista, não secretária, mas o ordenado era razoável, e como tinha perdido uma série de clientes, agarrei a oportunidade. Três anos depois, ali continuo.

Quando chegamos a Canada Water, a carruagem esvazia-se e as únicas pessoas que permanecem de pé fazem-no por opção. O indivíduo sentado ao meu lado tem as pernas tão abertas que preciso de desviar as minhas, mas, quando olho para a fila de passageiros em frente, reparo noutros dois homens que fazem o mesmo. Será que é algo consciente? Ou alguma necessidade inata de se tornarem maiores do que qualquer outra pessoa? A mulher à minha frente mexe no saco das compras e escuto o inconfundível barulho de uma garrafa de vinho. Espero que o Simon se tenha lembrado de pôr uma no frigorífico: a semana foi longa e tudo o que mais quero neste momento é enroscar-me no sofá a ver televisão.

Num artigo no interior do *London Gazette*, um antigo finalista do *Fator X* queixa-se da «pressão da fama», e um debate sobre as leis da privacidade cobre a maior parte da página. Leio sem prestar atenção às palavras: vou vendo as imagens e passando os olhos pelos títulos para não me sentir completamente fora de contexto. Não me consigo lembrar da última vez que li um jornal na íntegra, ou que me sentei para assistir às notícias desde o início até ao fim. Costumo ver apenas fragmentos da Sky News enquanto tomo o pequeno-almoço ou, então, espreito os títulos dos jornais por cima do ombro de alguém no caminho para o emprego.

O comboio para entre Sydenham e Crystal Palace. Oiço um suspiro de frustração vindo do fundo da carruagem, mas não me incomoda a olhar para perceber quem o terá soltado. Lá fora, já escureceu e, ao olhar

de relance para o vidro das janelas, tudo o que consigo ver é o reflexo do meu rosto; ainda mais pálido do que na vida real e distorcido pela chuva. Tiro os óculos e esfrego as marcas deixadas em ambos os lados do nariz. Escutamos o estalido de um anúncio pelo intercomunicador, mas tão confuso e marcadamente articulado que não se percebe nada. Pode ter sido qualquer coisa, um aviso de avaria ou um corpo na linha.

Espero que não seja um corpo. Penso no meu copo de vinho e no Simon a massajar-me os pés no sofá, mas sinto logo remorsos por o meu primeiro pensamento ser relativo ao próprio conforto e não sobre o desespero de alguma pobre alma suicida. Tenho a certeza de que não é um corpo. Os corpos aparecem às segundas-feiras de manhã, não ao fim da tarde das sextas-feiras, quando se está ainda a uma maravilhosa distância de três dias de voltar ao trabalho.

Ouve-se um guincho e depois silêncio. Deva-se a que se dever o atraso, vai demorar o seu tempo.

– Isto não é bom sinal – diz o homem ao meu lado.

– Hum – respondo com reserva. Continuo a virar as páginas do jornal, mas não estou interessada no desporto e, de momento, olho sobretudo para os anúncios e as críticas de teatro. A este ritmo, não chego a casa antes das sete: vamos ter de arranjar qualquer coisa para o jantar, em vez de cozinhar o frango que planeava. O Simon cozinha durante a semana e eu, às sextas-feiras à noite e ao fim de semana. Ele fá-lo-ia, se lho pedisse, mas não devo. Não posso fazer com que cozinhe para nós – para os meus filhos – todas as noites. Talvez vá comprar comida já preparada.

Passo por cima da secção de economia e olho para as palavras cruzadas, só que não trago caneta comigo. Por isso, vou lendo os anúncios, pensando que talvez encontre trabalho para a Katie, ou para mim, já chego a esse ponto, embora saiba que nunca vou sair da Hallow & Reed. Pagam bem e sei que o meu trabalho é bem feito, se não fosse pelo meu chefe, tudo seria perfeito. Os clientes são simpáticos, a maior parte. Normalmente são novos empresários à procura de um espaço para montar escritório; ou negócios que correm bem e precisam de encontrar uma área mais ampla. Não trabalhamos muito com residências, a não ser com apartamentos por cima de lojas para quem compra casa pela primeira vez, ou para pessoas separadas. Conheço um bom número de recém-separados. Às vezes, se pudesse, dizia-lhes como sei bem pelo que estão a passar.

– E acabou tudo bem? – perguntam sempre as mulheres.

– Foi a melhor coisa que fiz – respondo com confiança. É o que querem ouvir.

Não encontro trabalho para uma aspirante a atriz de dezanove anos, mas ao virar a página vejo, no canto inferior, um anúncio para chefe de escritório. Não faz mal saber o que se pode descobrir ali. Por um instante, imagino-me a entrar no gabinete do Graham Hallow e a entregar-lhe o meu pré-aviso de demissão, dizendo-lhe que não aguento mais ser tratada como lixo que ele pisa com as solas dos sapatos. Depois olho para o salário impresso por baixo do anúncio do cargo de chefe de escritório e recordo o tempo que levei, e todo o esforço que custou, até alcançar alguma coisa com a qual possa finalmente viver. Mais vale um mal conhecido..., não é o que se costuma dizer?

As últimas páginas do *Gazette* são sobre pedidos de indemnização e finanças. Cuidadosamente, evito os anúncios de empréstimos – com estas taxas de juro, é preciso estar-se doido ou desesperado – e olho de relance para o fundo da página, onde figuram os anúncios de encontros sexuais.

Mulher casada procura relação ocasional e discreta. Para fotos, escreva ANGEL e envie mensagem para o 69998.

Torço o nariz não tanto pelos serviços oferecidos, mas mais pelo preço exorbitante da mensagem de texto. Quem sou eu para julgar o que os outros fazem? Estou prestes a virar a página, resignada a ler o artigo sobre o jogo de futebol da noite anterior, quando vejo o anúncio que se encontra por baixo do *Angel*.

Por um instante, penso que os meus olhos devem estar cansados: pisco-os com força, mas nada se altera.

Estou tão absorta que não reparo que o comboio voltou a andar. De súbito, dá uma sacudidela e eu tombo para um dos lados, colocando automaticamente a minha mão sobre a perna do meu vizinho, estabelecendo contacto físico.

– Desculpe!

– Não faz mal, não se preocupe. – Ele sorri e eu, forçosamente, devolvo-lhe o sorriso. Contudo, o meu coração bate com força e fixo os olhos no anúncio. Ostenta o mesmo aviso sobre os custos da chamada, tal como as outras caixas de anúncios, e o número 0809 no topo. Há um

endereço eletrônico onde se lê www.encontreatal.com. Porém, é na foto que me concentro. Está cortada junto ao rosto, embora se possa claramente ver o cabelo loiro e uma nesga de uma blusa preta de alças. É mais velha do que as outras mulheres que vendem os seus atributos, mas, com uma foto de imagem tão difusa, fica difícil atribuir-lhe a idade.

Só que eu sei a idade dela. Sei que tem quarenta anos.

Pois aquela mulher no anúncio sou eu.

Kelly Swift continuava de pé no meio da carruagem da Linha Central, baloiçando, para manter o equilíbrio, sempre que o comboio fazia uma curva. Um grupo de miúdos – com pouco mais de catorze ou quinze anos – entrou de solavanco em Bond Street, empenhados em participar num concurso de palavras que brotava junto com o sotaque acentuadamente vocálico típico da classe média. Passava da hora de funcionamento das associações de tempos livres e lá fora já estava praticamente escuro; Kelly esperava que fossem a caminho de casa e não para alguma saída noturna. Não com aquela idade.

– Atrasado mental do caraças! – O rapaz ergueu os olhos e a sua arrogância cedeu lugar ao rebate de consciência assim que reparou em Kelly. Esta assumia o tipo de expressão que se lembrava de a sua mãe exibir em mais do que uma ocasião, e os adolescentes ficaram silenciosos, coraram furiosamente e voltaram-se de costas, como que a examinar o interior do fecho das portas. Provavelmente ela teria idade para ser mãe deles, pensou, penosamente, pondo-se a fazer a contagem decrescente a partir dos trinta e imaginando-se com um de catorze anos. Várias das suas amigas de escola tinham filhos perto dessa idade; a página de Facebook de Kelly enchia-se regularmente com fotos de famílias orgulhosas e tinha alguns pedidos de amizade dos filhos das amigas. Ora aí estava uma forma de nos fazer sentir velhas.

Kelly deu de caras com o olhar de uma mulher de casaco vermelho no lado oposto da carruagem, que abanava a cabeça em sinal de aprovação pelo efeito que ela tivera sobre os rapazes.

Kelly devolveu-lhe o olhar com um sorriso.

– Bom dia?

– Melhor agora que acabou – disse a mulher. – Preparando-se para o fim de semana, hein?

– Estou a trabalhar. Não tenho folga até terça-feira. – Ainda assim, só um dia de folga e mais seis dias na corrida, pensou, resmungando para si mesma diante daquele pensamento. A mulher pareceu horrorizada. Kelly encolheu os ombros. – Alguém tem de o fazer, não é?

– Acho que sim. – À medida que o comboio abrandava, ao chegar à estação de Oxford Circus, a mulher começou a dirigir-se para a porta. – Espero que tenha um fim de semana tranquilo.

Já me está a azarar, pensou Kelly. Olhou de relance para o relógio. Nove paragens até Stratford: deixar as tralhas, depois voltar. Chegar a casa às oito, talvez oito e meia. Pronta de novo às sete da manhã. Soltou um enorme bocejo, não se preocupando em tapar a boca, e perguntou-se se haveria alguma comida em casa. Partilhava um apartamento perto de Elephant and Castle com mais três pessoas, cujos nomes completos só conhecia através dos cheques para o pagamento da renda cuidadosamente pregados todos os meses no quadro do *hall*. O senhorio, na avareza de maximizar o rendimento, convertera a sala em quarto, deixando a pequena cozinha como única área comum. Havia apenas espaço para duas cadeiras, mas as escalas dos turnos das colegas e as horas erráticas faziam com que passassem dias até Kelly ver alguma delas. A mulher do quarto maior, a Dawn, era enfermeira. Mais nova do que Kelly, mas bastante mais caseira, Dawn ocasionalmente deixava uma dose de comida para Kelly ao lado do micro-ondas, com um *post-it* cor-de-rosa a dizer: *serve-te!* O seu estômago roncou só por *pensar* na comida e olhou de relance para o relógio. A tarde fora mais movimentada do que pensara; teria de fazer horas extraordinárias na semana seguinte, ou nunca mais despachava tudo.

Um punhado de homens de negócios entrou em Holborn e Kelly lançou-lhes um olhar de perita. À primeira vista, pareciam todos iguais: cabelo curto, fato preto e pasta de executivo. O diabo estava nos pormenores, pensou. Procurou a risca fina; o título de um livro enfiado num saco; os óculos de armação metálica com uma das hastes dobrada; uma bracelete de relógio em cabedal castanho por baixo de uma manga de camisa de algodão branco. Todas as idiosincrasias e tiques de aspeto, alinhando-os numa fila de homens quase idênticos. Kelly observava-os direta e desapassionadamente. Apenas treinava, disse para si própria, sem se preocupar por

um deles erguer os olhos e dar com aquele olhar imperturbável em cima dele. Pensou que talvez ele desviasse o olhar, mas, em vez disso, piscou-lhe o olho e abriu a boca num sorriso confiante. Os olhos de Kelly fixaram-se na mão esquerda dele. Casado. Branco, bem constituído, com cerca de um metro e oitenta de altura, uma sombra no queixo que talvez não estivesse lá horas antes. A nesga de uma etiqueta amarela, de alguma limpeza a seco, esquecida no interior do sobretudo. Pela postura, apostaria tratar-se de um ex-militar. Não que se visse no seu aspeto, mas Kelly reconhecê-lo-ia se o voltasse a encontrar.

Satisfeita, desviou a atenção para o último afluxo de passageiros, que entrou na estação de Bank, e que escoava pela carruagem à procura dos poucos lugares que restavam. Quase toda a gente tinha um telemóvel na mão; jogavam, ouviam música ou simplesmente agarravam-no como se fosse algo transplantado à palma da mão. No outro extremo da carruagem, alguns erguiam o telefone à sua frente e Kelly afastou-se de imediato. Eram turistas a apanhar um icónico instantâneo do metro de Londres para mostrarem quando regressassem a casa, embora a ideia daquele cenário de fundo em fotos de férias fosse para ela demasiado estranha para sequer ser contemplada.

O ombro doía-lhe no sítio onde batera contra a parede, quando fizera uma curva demasiado apertada ao correr pelas escadas rolantes até ao cais em Marble Arch. Chegara alguns segundos demasiado tarde e aborrecia-a o facto de a nódoa negra que a florava agora na parte superior do braço ter sido em vão. Para a próxima teria de ser mais rápida.

O comboio chegou à estação de Liverpool Street; uma multidão esperava na plataforma, impaciente para que as portas se abrissem.

A pulsação de Kelly acelerou-se.

Infiltrado na multidão, meio escondido por baixo de calças de ganga gigantes, de uma suéter e de um boné de basebol, estava Carl. Reconheceu-o de imediato e – se bem que Kelly estivesse desesperada por chegar a casa – era impossível fugir. Tornava-se óbvio, pela forma como ele se fundira na multidão, que avistara Kelly uma fração de segundo antes de ela reparar nele e mostrava-se igualmente pouco entusiasta com o encontro. Teria de agir depressa.

Kelly saltou do comboio antes de as portas apitarem atrás de si. Primeiro pensou que o tivesse despistado, mas depois avistou um boné de basebol cerca de dez metros à frente. Não corria, limitava-se a andar

rápida e agilmente aos ziguezagues pelo meio dos passageiros que abandonavam a plataforma.

Se Kelly aprendeu alguma coisa nos últimos dez anos no metro, foi que a educação não nos leva a lado nenhum.

– Cuidado, saiam do caminho! – gritou, desatando numa corrida e abrindo espaço por entre dois turistas idosos que arrastavam as malas. – Deixem passar! – Ela podia tê-lo perdido naquela manhã e ficado com uma nódoa negra no ombro como resultado, mas, desta vez, não o ia deixar escapar de novo. Por um segundo, pensou no jantar que talvez a esperasse em casa, e imaginou que por causa daquilo teria de acrescentar pelo menos mais duas horas ao seu dia. Mas tinha de ser. Podia comer um *kebab* a caminho de casa.

Carl subia a escada rolante. Erro de principiante, pensou Kelly, optando pelas escadas. Há menos turistas para ultrapassar e é mais fácil para as pernas do que os movimentos espasmódicos e desiguais de uma escada rolante. Ainda assim, no momento em que se encontrou em linha paralela com Carl, os músculos dela ardiam. Ele olhou para trás, por cima do ombro esquerdo, quando chegaram ao cimo, depois guinou para a direita. Por amor de Deus, Carl, pensou. A esta hora já devia ter acabado o serviço.

Num último *sprint*, apanhou-o quando ele se preparava para saltar o torniquete dos bilhetes, agarrando-o pelo blusão com a mão esquerda e puxando-lhe o braço para trás das costas com a direita. Carl ainda procurou libertar-se, tentando desferir-lhe um golpe de modo a que perdesse o equilíbrio e fazendo com que o chapéu lhe caísse. Kelly deu-se conta de que alguém o apanhara e só esperava que não fugissem com ele. Já tivera um problema com o Departamento de Equipamento e Fardamento por ter perdido o bastão numa luta na semana anterior – podia bem passar sem outra repreensão.

– Temos um mandado de captura com o teu nome por falta de comparência, pá – disse ela, e as palavras saíam-lhe pontuadas pela respiração ofegante que dificilmente conseguia expelir dentro do colete protetor. Levou a mão ao cinto e desapertou as algemas, fechando-as rapidamente nos pulsos de Carl com um estalido, para de seguida verificar se estavam bem apertadas. – Foste apanhado.

Estou a ver-te. Mas tu não me vês. Estás absorta no teu livro; um de capa mole com uma rapariga de vestido vermelho. Não consigo decifrar o título, mas também não importa; são todos iguais. Se não for rapaz conhece rapariga, é rapaz persegue rapariga. Rapaz mata rapariga.

Não perdi a ironia.

Na próxima paragem vou aproveitar a entrada de uma vaga de novos passageiros como desculpa para me mover para mais perto de ti. Estás aí agarrada à pega mesmo no centro da carruagem, a segurar o livro só com uma mão; a virar as páginas com esse teu polegar bem treinado. Estás tão perto, que os nossos casacos até se tocam e eu consigo inalar a essência de baunilha do teu perfume; um aroma que há muito se desvaneceu desde que saíste do trabalho. Há algumas mulheres que quando chega a hora de almoço se enfiam na casa de banho; retocam a maquilhagem, acrescentam uma baforada de perfume. Tu, não. Quando te vejo depois do trabalho, a maquilhagem cinzenta-escuro sobre as pálpebras já se esborratou, transformando-se em sombras de cansaço sob os teus olhos; a tinta dos lábios foi transferida para incontáveis chávenas de café. Estás bonita, apesar disso, mesmo no fim de um longo dia. Isso conta muito. Nem sempre tem que ver com a beleza; às vezes é o olhar exótico ou uns grandes peitos, ou umas longas pernas. Às vezes é a classe e a elegância — as calças azuis bem à medida e uns sapatos beges de salto alto — e outras vezes é serem descaradas e vulgares. Galdérias mesmo. A variedade é importante. Até o melhor bife se torna enjoativo quando se está sempre a comê-lo a toda a hora. A tua mala é maior do que o normal. Andas sempre com ela ao ombro, mas quando o comboio está cheio — como nesta fase do teu trajeto —, coloca-la no chão, entre as pernas. Está meio aberta, permitindo-me ver o seu interior. Uma carteira — de cabedal macio e castanho com fecho dourado. Uma escova de cabelo, cabelos louros a sair das cerdas. Um saco de compras reutilizável, cuidadosamente enrolado. Um par de luvas de cabedal. Dois ou três envelopes castanhos abertos, empurrados para dentro da mala junto com o conteúdo. Envelopes-postais retirados debaixo do tapete após o pequeno-almoço, abertos no cais enquanto esperavas o primeiro comboio. Estico o pescoço para ler o que está impresso no envelope de cima.

Então, agora, já sei o teu nome.

Não que isso importe: tu e eu não vamos ter esse tipo de relação que precise de nomes.

Pego no telemóvel e seleciono a câmara fotográfica. Viro-o na tua direção; uso o polegar e o indicador e aproximo a imagem até que só o teu rosto apareça.

Se alguém reparasse em mim neste momento, pensaria apenas que estava a colocar um registo da minha viagem no Instagram ou no Twitter. Uma hashtag de uma selfie.

Um silencioso clique e já és minha.

À medida que o comboio curva, soltas-te da correia presa ao teto e inclinas-te para a mala, mantendo-te atenta ao livro. Se não te conhecesse bem, poderia pensar que me apanhaste a olhar e que mudavas os pertences para fora do meu campo de visão, mas não é isso. A inclinação no percurso apenas quer dizer que está a chegar a tua paragem.

Estás a gostar do livro. Normalmente paras de ler muito antes; quando chegas ao fim de um capítulo, e folheias por entre as páginas à procura do postal que usas como marcador. Mas hoje continuas a ler, mesmo quando o comboio entra na estação. E enquanto te enfiás e abres caminho até à porta e dizes uma dúzia de vezes «com licença» e «desculpe». Continuas a ler enquanto te diriges para a saída, levantando rapidamente os olhos para te assegurares de que não vais contra ninguém.

Continuas a ler.

E eu continuo a ver-te.